

TEOLOGIA DA PROSPERIDADE: *riscos de uma teologia controversa*

The Theology of Prosperity: Risks of a controversial theology

Maria de Lourdes Koerich Belli Stella¹

RESUMO

Este artigo resulta de uma pesquisa realizada sobre a Teologia da Prosperidade, movimento que, desse algum tempo, vem ganhando novos adeptos e por isso cresce de maneira voluptuosa em meio a sociedade contemporânea. O objetivo principal deste é discutir os riscos que a práxis dessa teologia pode ocasionar tanto para o meio de onde ela emerge, como para a sociedade contemporânea. Dessa forma a problemática averiguada foi: quais os riscos que a Teologia da Prosperidade traz quando apresenta uma interpretação equivocada das Sagradas Escrituras, tanto para os cristãos como para os leigos que fazem desse movimento sua prática religiosa, ou que procuram esses grupos com a finalidade de encontrar cura, prosperidade financeira e até mesmo resposta para questões teológicas mal resolvidas? Para responder à questão foram realizadas averiguações bibliográficas, a partir das pesquisas de Mariano (1999, 1996, 2004); Campos (1997); Gondim (1993); Oro (2013) Romeiro (1998, 1999, 2005), entre outros, ainda foram realizadas pesquisas em trabalhos de dissertações e teses apresentadas em diversas instituições de ensino superior, bem como artigos publicados em revistas científicas e ainda foram consultados alguns sites que tratam sobre o tema proposto. Este trabalho sinaliza um crescimento significativo dos seguidores da Teologia da Prosperidade, não apenas nos meios Neopentecostais, mas agora até mesmo nas Igrejas conhecidas como tradicionais, além de assinalar que esse crescimento traz riscos à integridade das igrejas e dos evangélicos, no que diz respeito a provocar sérios danos à saúde física e psicológica de quem adentra ao movimento da Confissão Positiva.

Palavras-chave: Teologia da Prosperidade, neopentecostalismo, evangélicos, riscos.

¹ Especialista em Docência do Ensino Religioso, Bacharel em Teologia pela Faculdade Cristã de Curitiba.



ABSTRACT

This article is the result of a research carried out on Prosperity Theology, a movement that, for some time, has gained new adepts and therefore grows voluptuously in the midst of contemporary society. The main purpose of this is to discuss the risks that the praxis of this theology can bring both to the medium from which it emerges and to contemporary society. In this way the problematic questioned was: what are the risks that Prosperity Theology brings when it presents a misinterpretation of the Sacred Scriptures, both for Christians and lay people who make this movement their religious practice, or who seek this movement for the purpose of find healing, financial prosperity, and even a response to poorly resolved theological issues? In order to answer the question, bibliographical investigations were carried out, based on Mariano's research (1999, 1996, 2004); Campos (1997); Gondim (1993); (1999), Romeiro (1998, 1999, 2005), among others, researches were carried out in dissertations and theses presented in several higher education institutions, as well as papers published in scientific journals and the proposed theme. This work signals a significant increase in followers of Prosperity Theology, not only in the Neo-Pentecostal milieus but now even in the so-called traditional churches, in addition to pointing out that this growth poses risks to the integrity of churches and evangelicals, with respect to cause serious damage to the physical and psychological health of those who enter the Positive Confession movement.

Keywords: Theology of Prosperity, neopentecostalism, evangelical's risks.

INTRODUÇÃO

A Teologia da Prosperidade apesar de estar ligada de forma mais direta às igrejas Neopentecostais e a líderes arraigados em crenças que, se analisadas à luz da Sagrada Escritura, estão distorcidas, vem ganhando cada vez mais espaço entre os cristãos, antes, conhecidos como tradicionais. Além de que faz parte da vida de inúmeros “leigos” que buscam nela apenas respostas imediatas para questões de sua vida, de seu dia-a-dia, e ainda procuram a cura para seus males e a prosperidade financeira tão prometida por seus propagadores. Assim nesse contexto surgem os denominados “mercadores de bênçãos” e “divulgadores” de uma prosperidade que alcança qualquer dimensão. Basta apenas que o fiel tenha plena convicção do que quer e então confesse positivamente o que pretende alcançar. Mediante o que se apresenta essa pesquisa



pretende versar sobre os riscos que essa teologia pode ocasionar, quer às igrejas, como aos ministérios, ainda às pessoas que buscam nela tanto a solução para problemas urgentes, mesmo que esses sejam as tão prometidas bênção materiais.

Em primeira instância serão considerados os riscos à credibilidade do Evangelho, quando da difusão de interpretações imprecisas das Sagradas Escrituras. Ademais a credibilidade dos evangélicos será debatida, já que a designação “evangélico” é usada para qualificar cristãos protestantes de um modo geral.

1 RISCOS A CREDIBILIDADE DO EVANGELHO E DOS EVANGÉLICOS

A seguir serão apresentados os riscos que a prática dessa teologia pode trazer às igrejas (pois fortuitamente essa teologia tem entrado nas denominações mais tradicionais). Por fim, serão considerados os riscos que a Teologia da Prosperidade – TP- pode trazer às pessoas que, desinformadas, buscam nela uma resposta para seus problemas materiais, sociais ou até mesmo de saúde.

1.1. Teologia da Prosperidade e a leitura controversa das Sagradas Escrituras

Boyer (1999, p.20) relata que Martinho Lutero conseguiu se libertar da escravidão vivida, devido ao mau entendimento das verdades contidas nas Escrituras Sagradas, após longos dias e noites de meditação, ao passo de considerar-se renascido, como afirma “[...] achei-me recém-nascido e no paraíso, toda as Escrituras tinham para mim outro aspecto, perscrutava-as para ver tudo quanto ensinam sobre a justiça de Deus” (BOYER, 1999, p.20). Da mesma forma que para Lutero, hoje há uma grande necessidade de que cristãos voltem a consultar e estudar o Evangelho, pois há muita deturpação das verdades contidas nele. Ao cristão cabe o conhecimento, pois como afirma Boyer (1999, p.20), acerca da pontuação conclusiva de Lutero sobre a luz das Escrituras,

O que o pastor é para o rebanho, a casa para o homem, o ninho para o passarinho, a penha para a cabra montês, o arroio para o peixe, a Bíblia é para as almas fiéis. A luz do Evangelho, por fim, tomara o lugar das trevas e a alma de



Lutero abrasava por conduzir os seus ouvintes ao Cordeiro de Deus, que tira todo o pecado.

Assim fica evidente que a luz do Evangelho toma o lugar das trevas, mas para isso é preciso que haja percepção, consciência do que se lê na Bíblia, e de como se interpreta o que é lido, pois como Lutero considera, pastores devem conduzir suas ovelhas ao Cordeiro de Deus, a fim de que esses tomem consciência do pecado, se redimam e voltem a compactuar com Deus. Romeiro (1999, p. 23) ressalta que “a genuína fé cristã deve estar fundamentada na Bíblia Sagrada. Caso contrário o Corpo de Cristo sofrerá sérios transtornos”. Assim é possível afirmar que é necessário a toda expressão de fé fundamentos e bases sólidas nas Sagradas Escrituras, pois “nenhuma experiência, seja sonho, visão ou qualquer outra coisa, pode estar acima da autoridade das Escrituras” (Ibidem, p. 23).

Na Teologia da Prosperidade está presente o entendimento de que “o cristão deve ser próspero financeiramente e sempre ser livre de qualquer enfermidade” (idem, 1998, p.23), mediante a confissão positiva. Como afirma Pierrat (1993, p. 86) “aquilo que confessamos acontecerá, para o bem ou para o mal, pois nossa confissão cria mesmo a realidade”. Porém se não acontecer há algo de errado, ou seja, possivelmente o pecado está presente na vida do cristão. Para fundamentar biblicamente essa afirmação, propagadores da prosperidade utilizam o texto bíblico de Provérbios 18:21 que diz: “A morte e a vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto”. Refutando esse fundamento bíblico Romeiro (1998, p. 25) afirma que “se Deus fosse depender de nossas fórmulas corretas e palavras preciosas para operar, ela não operaria mais. Deus é soberano [...]”.

Fica claro com a afirmação acima que Deus é soberano, que não há palavras que possam manipular a vontade dele. Já no que diz respeito à prosperidade financeira, Mariano (1999, p. 169-170) ressalta que os pregadores da doutrina da prosperidade afirmam que

[...] o crente que almeja receber grandes bênçãos precisa ser radical na demonstração de fé. Deve fazer coisas que do ponto de vista do “homem natural” e do cálculo racional seriam loucura. Precisa dispor de muita coragem. Deve assumir riscos, doando à igreja algo valioso como salário, poupança, herança, joias, carro, casas com a certeza



de que reaverá centuplicado, o que ofertou. Não pode guardar qualquer resquício de dúvida quanto ao retorno de sua fé, já que, advertem os pastores, “a dúvida é do Diabo”. [...] tal demonstração de fé é denominada de “provar” e “desafiar” a Deus.

A prosperidade financeira é assunto presente nos cultos realizados por igrejas neopentecostais. Com a finalidade de defender tal ensinamento, pregadores da TP fazem uso de diversos textos bíblicos, sendo o mais comum o que está em 2 Coríntios 9.6: “Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura, com abundância também ceifará”. Assim, forcem a compreensão de que o cristão recebe conforme a soma que doa (PIERRAT, 1993, p. 151), esquecendo-se que “neste texto o ponto central não é o dinheiro e sim o relacionamento” (Ibidem, p.152). Mariano (1999, p. 172), ainda faz referência ao uso do texto “bíblico da viúva pobre, que ofertou duas moedas, tudo o que possuía para seu sustento (Lc 21.1-4)”. Segundo ele, esse texto é persistentemente apontado como um exemplo a ser imitado.

Pierrat (1993, p. 151) alerta que passagens como essas não devem ser “entendidas como regra matemática”, e pontua ainda que

A noção de que receberemos somente se dermos é uma perversão da ideia cristã de caridade. Isso tem mais a ver com o utilitarismo pagão, que avalia todos os atos morais da vida segundo o benefício recebido por aquele que o pratica. A ética cristã que devemos dar, porque Deus nos deu primeiro. Para o cristão, o dar deve ser um ato de adoração, gratidão e amor, não um exercício em que se calcula o quanto receberemos de volta (1Jo 4.19).

Assim, dízimos e ofertas são atos de gratidão pelo que se recebe de Deus, e jamais uma forma de dar para, então, cobrar dele a realização financeira. O cristão neopentecostal reivindica de Deus uma vida prazerosa, cheia de aquisições. Pires (2011, p. 116) preocupa-se com essa postura difundida e assumida por esses cristãos ao discorrer que “no neopentecostalismo, porém, a otimização da visão de mundo para a qual se projeta uma vida de felicidade desemboca na mundanização do *ethos* através da adoção de um estilo de vida próprio de uma ética hedonista e consumista”. A isso é fundamental lembrar que a soberania de Deus está acima do controle e manipulação humana. Não é o decreto humano



(ROMEIRO, 1998, p.25), tampouco a quantia doada que terão poder de/para transpassar tal soberania e garantir a prosperidade.

Ademais a cura divina difundida pela Teologia da Prosperidade encontra sua fundamentação em textos bíblicos, em especial pregadores da Confissão Positiva usam o texto de Isaias 53:4-5 que diz:

Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi transpassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.

Com este texto afirmam que “a cura divina já está totalmente garantida na expiação” (Ibidem, p.27). Pierrat (1993, p. 111) considera o fato de que os líderes das igrejas primitivas tomaram muita cautela e foram zelosos quanto a relatos de milagres e maravilhas, ao que parece eles se esforçavam para que não houvessem referências sobre qualquer tipo de poder especial. Relatos de milagres surgiram por volta do quarto século (Ibidem, p. 112), e uma das razões para que isso ocorresse, segundo Pierrat (Ibidem, 112) foi devido à publicação de livros seculares que apresentavam em seus escritos poderes sobrenaturais de bruxos e mágicos da época. Assim se pode afirmar que a narração de curas sobrenaturais nas denominações religiosas veio como refutação a poderes sobrenaturais seculares.

Romeiro (1999, p. 36) discorre sobre o depoimento de uma funcionária de livraria, que ao perceber sua chegada na loja quis conhecê-lo. Logo em seguida de o ter cumprimentado a funcionária disse:

[...]. Meu irmão morreu de câncer há uns 15 dias. Antes da sua morte, porém, os irmãos da Confissão Positiva viviam no meu ouvido dizendo que Deus já o havia curado, que eles já tinham decretado a cura. Mas ele morreu, e, depois, além de ter que suportar a dor da separação, eu tive que suportar também a dor da culpa. Disseram que meu irmão morrerá porque eu não tive fé para ele ser curado.

Este depoimento vem refutar o que pregadores da Confissão Positiva argumentam, pois afirmavam a moça que a cura já havia



sido declarada, Deus já curara seu irmão, porém a morte o alcançou, e com isso não só o psicológico da moça fora abalado, mas provavelmente, de igual forma, sua fé. A cura divina não pertence ao poder manipulador de homens, se assim o fosse seria cura humana e não divina. É preciso estar ciente de que “sempre que um cristão defende a fé cristã e apresenta o cristianismo como melhor opção de vida para o ser humano, o tema milagre será inevitavelmente mencionado” (ROMEIRO, 1999, p. 66), porém, diferente do que pregadores da prosperidade alegam, Pierrat (1998, p. 118) observa que:

As curas miraculosas de Cristo eram 1) instantâneas; 2) completas; 3) desvinculadas da fé da pessoa afligida – em muitos casos, não há nenhuma menção de qualquer fé que seja (Mt 9.32; 12.10, 22; 20.30; Mc 8.22; Lc 4.39; 5.19; 14.12); Jesus curou pessoas incapazes de exercer fé e, certa vez, até mesmo debaixo do protesto delas (Mt 8.23; Mc 5.7; Lc 4.33; 8.28); ele exigiu a presença de fé somente em um caso (Mt 9.29) e apenas uma vez repreendeu os discípulos por causa da falta de fé (Mt 17.14-20); 4) Jesus curava todos os que iam até ele; e 5) ele curava sem fazer daquilo um espetáculo.

Observadas as afirmações acima, pode-se atestar que “essas cinco características estão em franca oposição às tendências das curas dos dias de hoje, as quais sempre são graduais, incompletas ou as duas coisas juntas” (Ibidem, p. 118). Não há como afirmar que a cura divina (milagre) está garantida ao crente, tampouco condicionada a sua vontade. “Portanto, usar esta passagem para dizer que a cura divina, total e perfeita, está garantida na expiação com base em Isaías 53:4-5, é forçar o texto e não reflete uma boa exegese” (ROMEIRO, 1998, p. 27). Outras passagens são mencionadas e aplicadas em cultos neopentecostais, de forma que manipuladores do púlpito, prontos para seus “espetáculos a serem assistidos” (CAMPOS, 1999, p.72) possam entreter e ganhar confiança de uma porcentagem considerável de pessoas.



Assim, forçar o texto a dizer o que de fato não diz, é arriscado e coloca a credibilidade do Evangelho em contestação, pois como afirma Romeiro (1999, p. 18) “[...] quando alguém não leva a Bíblia a sério teologicamente, a ética cristã fica comprometida”. Dessa maneira “uma combinação absurda de palavras não indica a presença do divino, embora elas possam ter um poder expressivo sem qualquer função denotativa” (TILLICH, 2005, p. 136). É necessário, então, uma análise minuciosa, pois apesar de as palavras estarem bem combinadas, bem-ditas, não sugerem a presença de Deus, parecem eloquentes, são persuasivas, mas não há nelas nada de usual, ao contrário soam como figurativas. Portanto ao homem é necessário não somente conhecer, mas interpretar o que de fato as Sagradas Escrituras estão afirmando, para assim posicionar-se perante a “teatralização do culto neopentecostal” (CAMPOS, 1999, p. 70).

1.2. Riscos à credibilidade dos evangélicos não adeptos da Teologia da Prosperidade

A Teologia da Prosperidade além de lançar questionamentos sobre a credibilidade da interpretação do Evangelho, ainda coloca o adjetivo evangélicos em descrédito. O adjetivo evangélico é utilizado para nominar todos os sujeitos que fazem parte de denominações religiosas protestantes, quer sejam as tradicionais, como também pentecostais, e não de fora estão as neopentecostais. Assim se faz necessário um apontamento das implicações que o uso generalizado deste adjetivo pode trazer aos cristãos evangélicos e suas denominações religiosas, pois como afirma Romeiro (1999, 11) “não são todos os brasileiros hoje que estão dispostos a confiar em alguém só porque carrega uma Bíblia ou se diz ser evangélico”.

Quando se pensa em evangélicos é preciso levar em consideração que há um crescimento considerável destes em meio a sociedade pós-moderna. “O crescimento dos evangélicos em solo brasileiro é festejado por muitos” (ROMEIRO, 1999, p. 9), é fato que isto é motivo de alegria, porém não se pode esquecer “nenhum avivamento pode ser vivido distraidamente” (Ibidem, p.10). É preciso estar atento, evitando assim que mercenários da fé ganhem força, alienando pessoas com suas



doutrinas manipuladoras, levando a sociedade a duvidar da conduta ética e moral daqueles que, de fato, são evangélicos, e por isso são referenciais, em meio a uma sociedade corrompida.

O substantivo evangélico foi usado primeiramente pelos reformados do século XVI, e é usado ainda nos dias de hoje por igrejas que, de alguma forma, encontram no ideal reformista identificação (RABUSKE, 2012, p.258). Valendo-se da informação apresentada é importante pontuar que,

[...] o grito da reforma protestante de *Sola Scriptura, Sola Gracia, Solo Christus e Sola Fide* foi uma convocação para a volta à Bíblia Sagrada como a única regra de fé e prática. Nenhuma experiência, sonho ou visão, pode estar acima do fundamento sólido da Palavra de Deus. (ROMEIRO, 1999, p.29)

Assim é possível afirmar que os “evangélicos”, sejam seguidores ou propagadores da Teologia da Prosperidade não estão preocupados com o ideal reformista. Mariano (1999, p.45) deixa claro essa falta de preocupação quando pontua que evangélicos neopentecostais “querem prestígio e respeitabilidade social. São triunfalistas e intervencionistas”. Romeiro (1996, p.6) faz a seguinte consideração a respeito dos evangélicos praticantes da Teologia da Prosperidade:

[...] são muitos os que se infiltram hoje entre os crentes, de Bíblia em punho, parecendo crer exatamente como cremos. (...), um estudo mais cuidadoso revelará que suas posições doutrinárias são inaceitáveis à luz das Escrituras e do cristianismo histórico ortodoxo.

Com essa consideração percebe-se que evangélicos praticantes da Teologia da Prosperidade estão sobremaneira preocupados com sua posição na sociedade e assim estão se distanciando dos ideais que levaram a reforma, afastando-se da exegese eloquente das Sagradas Escrituras. Ademais, eles, não apenas se afastam da eloquência bíblica, ainda realizam cultos que não estão em conformidade com a tradição evangélica, mesmo a pentecostal, pois

[...] igrejas neopentecostais do Brasil baseiam seus cultos na oferta especializada de serviços mágico-religiosos, de cunho



terapêutico e taumatúrgico, centrados em promessas de concessão divina de prosperidade material, cura física e emocional e de resolução de problemas familiares, afetivos, amorosos e de sociabilidade, o que condiz com as expectativas de quem crê na possibilidade de alcançar benefícios nesta vida através de instituições que “intermediam” forças sobrenaturais. (RABUSKE, 2012, p. 264)

Da mesma forma, evangélicos neopentecostais colocam-se em contrapé com os princípios da reforma protestante, utilizam em seus cultos serviços mágico-religiosos vinculados à compra de bênçãos, induzindo crentes a crerem que ainda nessa vida serão abençoados. Ora, o crente pode ser abençoado nessa vida, não há dúvidas quanto a isso (ROMEIRO, 1998, p. 41), porém condicionar essa bênção a troca por dinheiro, ou por produtos, não condiz com uma correta conduta evangélica. Acreditar que “o Criador não tem escolha senão cumprir o prometido” (MARIANO, 1998, p. 161) é trazer Deus para uma realidade humana, onde o evangélico neopentecostal pode manipular as ações do Criador. E isso tange ao que Romeiro (1999, p. 38) descreve como “abraçar heresias a fim de viver grandes experiências com Deus”.

Há hoje dentro da Teologia da Prosperidade, um número considerável de evangélicos, que segundo Romeiro (1999, p. 43) “se deixaram enganar pela serpente e hoje estão proclamando a deidade do homem”. Essa é a razão pela qual se pode notar uma diferença considerável entre evangélicos neopentecostais e evangélicos tradicionais. O cristianismo tradicional apresenta raízes no judaísmo, cujo caráter é totalmente monoteísta, ou seja, há um só Deus (Ibidem, p. 46), ao homem é oferecida por Deus a chance de um novo nascimento, em Cristo Jesus. Romeiro (1999, p. 47) afirma que “1. Há um só Deus; 2. Você não é ele”. Afirmações que devem ser aplicadas na vida do crente, especialmente dos praticantes da TP, a fim de que tomem consciência de sua natureza humana, e não divina.

Os apontamentos feitos nesse subtópico sobre os riscos que a Teologia da Prosperidade traz ao adjetivo “evangélicos” indicam que aos evangélicos neopentecostais, alguns atributos devem ser elencados, como o fato de que estão em desconformidade com os princípios básicos da Reforma Protestante, principalmente no que diz respeito à fidelidade às Escrituras Sagradas (Ibidem, p. 29). Ademais seus cultos são recheados



de misticismos, o que sugere uma forte presença de sincretismo religioso. Onde bênção aparece condicionada a doação financeira, ou seja, a ideia de quanto mais se dá mais se recebe. Outrossim, evangélicos neopentecostais acreditam assemelhar-se a Deus (Ibidem, p. 43), rompendo, assim, com o monoteísmo protestante.

Dessa forma é aparente a necessidade de haver uma diferenciação entre evangélicos tradicionais, evangélicos pentecostais e evangélicos neopentecostais, ao invés de considerá-los praticantes e participantes de uma mesma ideologia, e assim representantes de um mesmo ideal cristão, pois apesar do movimento neopentecostal ter seu início dentro do pentecostalismo (3ª onda) “as diferenças teológicas e [...] as comportamentais [...] e sociais [...]” (Ibidem, p. 37) hão de ser consideradas.

Apresentadas as reflexões desse subtópico, parte-se agora, aos riscos que a Teologia da Prosperidade traz as denominações cristãs, ou seja, a outras igrejas, para então considerar os riscos que a prática neopentecostal apresenta aos seus seguidores, ou melhor, às pessoas que impensadamente depositam sua fé nesse movimento.

1.3. Riscos aos que procuram amparo na Teologia da Prosperidade

Diariamente inúmeras portas de igrejas são abertas em cidades grandes e pequenas, em suas avenidas, ruas ou mesmo em vielas e becos de bairros menos favorecidos. Algumas dessas igrejas carregam sobre si o peso de suas nomenclaturas e tradições, estão preocupadas com a divulgação da Palavra, e com a evangelização (ROMEIRO, 2005, p.80-81). Porém, outras estão mais interessadas em aumentar suas filiais e número de congregados, e empreendem para isso um grande trabalho de marketing (CAMPOS, 1999, p.210-214). Comercializam produtos e bênçãos. Igrejas abrem, igrejas fecham suas portas. A Palavra é divulgada, a Palavra é comercializada (SILVEIRA, 2007, p.34). Pessoas são conduzidas à remissão de seus pecados, pessoas são induzidas ao erro (GONDIM, 1993, 54-57). Almas são salvas, pessoas são condenadas. Vive-se em meio a um paradoxo cristão.

Devido a essa diversidade religiosa (MENDONÇA, 2005, p.49), primeiramente se faz necessário uma análise do quanto e como a Teologia da Prosperidade tem interferido, e por vezes, prejudicado o desenvolvimento e crescimento das Igrejas mais conservadoras, bem



como das Igrejas pentecostais. Também o quanto a Teologia da Prosperidade tem adentrado nesse meio mais conservador, e como isso tem interferido na vida e no ministério dos cristãos. Ademais é preciso pontuar os riscos que a aplicação dessa Teologia traz aos crentes e aos leigos, devido à crença de que “palavras tem poder”, ou ao fato da afirmação de que Deus está pronto para atender seu pedido (ROMEIRO, 2005, p.89), além do perigo que pessoas correm ao acreditar que quanto mais se doa ao ministério da prosperidade, mais retorno financeiro haverá (MARIANO, 1999, p.161).

1.4. Teologia da Prosperidade e os riscos à Igreja contemporânea

A Teologia da Prosperidade tem ganhado adeptos nos meios religiosos mais tradicionais. Com o emergente avanço dessa doutrina em meio à sociedade pós-moderna, alguns cuidados precisam ser tomados. Romeiro (1999, p. 29) confessa que “é chocante ver hoje os filhos da Reforma protestante de mãos dadas com um Evangelho rejeitado pelos reformadores, muitos dos quais preferiram morrer a aceitar tais doutrinas”. Os meios de comunicação, a tecnologia, a falta de tempo e a rotina que a pós-modernidade impõe, levam homens e mulheres a adotar uma postura de conformismo. Porém aos cristãos é dado um alerta, de que não haja conformidade com o mundo, mas sim que ocorra transformação, para que se perceba qual é de fato a vontade de Deus (Rm 12-2).

A crise doutrinária que assola a Igreja hodierna no Brasil é séria demais para ser ignorada e colocada de lado, pois heresias e ensinios aberrantes tendem a se espalhar muito rapidamente. Não podemos esquecer também que cada crente é chamado para ser um atalaia do exército do Senhor e soar o alarme toda vez que se fizer necessário. (Ibidem, p. 32)

A igreja evangélica brasileira atravessa uma crise doutrinária, essa crise está concentrada em maior grau dentro das igrejas neopentecostais. Nestas há uma adequação do cristão ao mundo moderno (ORO, 2013, p. 98), onde a postura do seguidor de Cristo não é mais vista como a sugerida por Paulo, na carta aos Romanos, onde cristãos são chamados a não se conformar com as coisas do mundo. Além do mais “trabalham a



teologia da posse e a teologia da prosperidade” (Ibidem, p.99), onde ao cristão é permitido “desafiar a Deus”, assim passa o crente a ter direito de exigir bênçãos, mediante suas doações (Ibidem p. 99). Ainda no culto neopentecostal há forte presença do sincretismo religioso (Ibidem, p.99), onde se usam vários elementos presentes em outras religiões, cristãs e não cristãs, o que traz para dentro do cristianismo um misticismo desregrado.

Para Silva (2014, p. 168), a presença do sincretismo “é fruto de um vazio espiritual, de sentimento de que algo está incompleto, ainda por vir”. Assim é possível afirmar que em igrejas que fazem utilização do sincretismo religioso existe um buraco espiritual, práticas religiosas se misturam para ocultar tal vazio, o que é relativamente perigoso e inadequado para o cristianismo.

Para que tal prática possa ser combatida em meio aos cristãos, principalmente alertando a respeito desse problema entre os neopentecostais, “é importante haver ensinamentos repetitivos sobre o tema, confrontando cada ponto, caso e crença sincrética e expondo respostas bíblicas” (Ibidem, p.17). Fica claro que a igreja cristã deve posicionar-se impedindo o crescimento e a divulgação de tal prática entre seus congregados.

Além do mais a inserção de objetos consagrados na prática religiosa não é algo comum em igrejas de tradicionais e pentecostais, já as igrejas neopentecostais fazem disso uma prática mágica (MARIANO, 1999, p. 133). Dessa forma é possível afirmar que práticas mágicas estão presentes nos cultos neopentecostais. Essa atividade mágica pastoral presente é provocada pela “opção da satisfação das necessidades e desejos dos que procuram seus templos” (CAMPOS, 1997, p.44), porém é preciso pontuar

[...] as reflexões de Max Weber (1991:294) ao assinalar que a religião se caracteriza pela submissão e serviços prestados à divindade, enquanto a magia é uma “coerção de Deus”, na medida em que constringe os poderes das divindades a servirem aos fins utilitários de sua clientela” (Ibidem, p. 41)

Com a consideração acima, fica claro a diferença entre religião e magia. Na primeira, o homem é submisso e presta serviços a divindade, enquanto que na segunda é a divindade que está a serviço do homem. Consagrar e vender objetos como, lenços, água do Rio Jordão, azeite do



amor, rosas, perfume do amor, saquinhos de sal, arruda, sal grosso, areia do Mar da Galileia, pente, sabonete, são práticas que se opõem às práticas de igrejas tradicionais cristãs e igrejas pentecostais, porém são comuns entre os neopentecostais, fazendo com que seus fiéis acabem por “sucumbirem à idolatria” (MARIANO, 1999, p.134). Essas são práticas que não estão em conformidade com os ideais da reforma, que em épocas remotas vieram de encontro ao que praticava a igreja romana e que se assemelham de certa forma, ao que acontece hoje no neopentecostalismo.

Não bastando a interferência do mundo na doutrina e a entrada de objetos sacralizados em meio ao sincretismo religioso, há outro grande risco que a Confissão Positiva vem gerando ao longo de seu percurso que é a cristologia, sendo ela apontada, talvez, como ponto mais grave em toda Teologia da Prosperidade (ROMEIRO, 1998, p.48), e que vai mais uma vez de encontro à igreja cristã. Romeiro (1998, p.48) alerta que “se quisermos saber para onde uma pessoa ou uma Igreja caminha espiritualmente, basta verificarmos, à luz da Bíblia, a cristologia que professa”, pois é no Cristo que está toda a base do cristianismo, como pondera Tillich (2005, p. 388) “onde quer que se sustente a asserção de que Jesus é o Cristo, ali acontece a mensagem cristã: onde quer que se negue essa asserção, ali se deixa de afirmar a mensagem cristã”.

Assim é preciso que se reconheça a verdadeira posição assumida por Cristo, pois “a maioria das heresias que surgiram nos primórdios da igreja cristã estava relacionada com a pessoa e a obra de Jesus Cristo” (ROMEIRO, 1998, p.48). Do ponto de vista da Confissão Positiva,

[...] ao morrer na cruz, Jesus recebeu uma natureza satânica, foi feito pecado, desceu ao inferno em nosso lugar e lá foi atormentado três dias e três noites pelo diabo. Jesus teve que morrer espiritualmente para pagar pelos pecados do homem no inferno, pois sua morte física e seu sangue derramado na cruz foram insuficientes para fazer a expiação. Depois de três dias no inferno, Jesus nasce de novo e derrota os poderes das trevas, completando no inferno a expiação que havia começado na cruz. O Jesus nascido de novo ressuscita e é levado à mão direita do Pai. Hoje ele tem poder para devolver à Igreja tudo o que ele havia perdido para o diabo através da queda de Adão e Eva. (ROMEIRO, 1999, p. 48-49)



A afirmação acima faz com que a morte de Jesus para remissão dos pecados se torne contrária ao que as Sagradas Escrituras dizem (ROMEIRO, 1998, p.50), pois “se a morte física de Jesus não pudesse fazer a expiação, mas somente a sua morte espiritual, a encarnação do Verbo perderia o seu propósito” (Ibidem, p.50). Fato é que “a cruz não é a causa, mas a manifestação efetiva do fato de que Deus assume as consequências da culpa humana” (TILLICH, 2005, p.460), ou seja, está manifesta na cruz, pelo sangue derramado, a reconciliação do homem, com Deus, mediante o reconhecimento de seu sacrifício. Isto é o que basta. Ademais “em Cristo há uma pessoa com duas naturezas, a divina e a humana. A divina jamais sofreu uma solução de continuidade. A única novidade é que a humana lhe foi acrescentada” (ROMEIRO, 1998, p.52).

Com os apontamentos acima é claro perceber que tanto a Igreja reformada tradicional, quanto à pentecostal, enfrentam sérios problemas quanto às práticas adotadas pelos neopentecostais. Não só problemas doutrinários, mas também problemas de caráter teológico, o que acende um sinal.

Do jeito que as coisas estão indo, só Deus sabe a quantidade de ensinamentos estranhos que passarão a fazer parte da vida de muitos dos nossos crentes. O pior é que fica cada vez mais difícil defender a fé cristã à medida que tantas seitas passam a encontrar mais e mais aliados nas próprias fileiras evangélicas. (ROMEIRO, 1999, p.18)

Cabe ao crente tomar posicionamento mediante esses ensinamentos, buscar informação, estudar a Palavra, pois “a crise aumenta à medida que diminui o discernimento ou há falta dele por parte de igrejas e líderes cristãos” (Ibidem, p. 16). Pois essas práticas equivocadas acabam por causar danos à credibilidade de Igrejas sérias, comprometidas com a Palavra. Assim fica claro que “a TP está operando e promovendo forte inversão de valores no sistema axiológico pentecostal” (MARIANO, 1996, p.32) e também no tradicional. Não poderia ser diferente, esses riscos acabam por se estender aos seus seguidores, ou as pessoas que buscam respostas rápidas para seus problemas, e acabam por procurar soluções na Confissão Positiva.



1.5. Decepções, frustrações e angústias: Teologia da Prosperidade e o ser humano

Não bastassem os riscos que a Teologia da Prosperidade apresenta ao Evangelho, aos evangélicos e às igrejas, ainda se pode observar sérios riscos que a prática dessa doutrina pode trazer às pessoas, que impulsivamente adentram os seus templos, e desprovidas de conhecimento das Sagradas Escrituras, são levadas a crer em pensamentos e doutrinas de homens, as quais não encontram nenhuma fundamentação verdadeira à luz da Bíblia. Pessoas acabam por gerar intensas expectativas quando apresentadas a essa Teologia, porém perecem feridas em seus sentimentos, furtadas em seus bens e desacreditadas, e o pior, descrentes do Evangelho, pois sentem-se manipuladas por mercenários da fé.

Desvalidas de saúde, pessoas procuram a cura para suas doenças em templos neopentecostais. Estes providos do discurso de que “a fé é condição *‘sine qua non’* para que a cura aconteça” (OLIVEIRA, 2004, p.128) e que se “a oração não foi respondida fracassou por falta de conhecimento” (PIERRAT, 1993, p.158), acabam por induzir muitas pessoas a desacreditar nelas mesmas, como no caso da funcionária da livraria, relatado por Romeiro (1999, p.36), que depois de procurar a Confissão Positiva devido ao caso de câncer de seu irmão, havia sido induzida a acreditar que a cura fora realizada, que Deus já operara a libertação da doença de seu irmão. Porém, com a morte do irmão a culpa foi lançada sobre a falta de fé dela, causando nela um enorme sentimento de culpa.

Segundo Pierrat (1993, p.162) “Hagin diz que, quando oramos, devemos exigir corajosamente nossos direitos e nunca mostrar qualquer indício de dúvida de que nossa oração será atendida”, é algo que aponta para que se questione a soberania de Deus, e ao mesmo tempo dá poder ao ser humano. Este é um ensinamento contrário a Bíblia. Pois “a Bíblia ensina que Deus detém o controle soberano total para decidir quando deve dizer sim e quando deve dizer não a uma oração (Ibidem, p160). São muitos os relatos na Bíblia de homens de Deus que não foram atendidos em suas orações como, por exemplo, Moisés, João Batista, Jó e até mesmo Jesus (Ibidem, p.160), e isso não alterou a fé desses.

Ademais é preciso estar ciente que “todas as orações, incluindo aquelas em favor da cura, estão subordinadas às decisões pessoais de



Deus” (Ibidem, 161). Pois, “nenhuma oração será eficaz, se Deus não optar por respondê-la, não importa quanta fé esteja envolvida da parte dos que oram ou quantos procedimentos sejam seguidos da maneira certa” (Ibidem, p.161). Portanto é possível afirmar que não são as expectativas que o homem gera em relação às suas orações que farão com que Deus as atenda, e sim atender aos pedidos está dentro da vontade de Deus. Dessa forma é importante que se esclareça, que há erro na doutrina da prosperidade, quando esta aponta para uma separação de Deus e do mundo, por imposições de leis espirituais (Ibidem, p.161).

Dizer que a enfermidade é consequência da falta de fé ou pecado na vida do crente constitui-se numa falácia bíblica. Basta examinar as Escrituras para notarmos que verdadeiros servos de Deus passaram privações e dificuldades em suas trajetórias a serviço do Senhor. (ROMEIRO, 1998, p.28)

É preciso estar ciente de que “o ensino sobre cura divina da confissão positiva é questionável à luz da Bíblia e tem causado muito transtorno dentro da comunidade cristã” (Ibidem, p26). Dessa forma, é claro que um erro induz a outro. Pessoas são induzidas a errar, e o que é pior, a acreditar que é possível obter resultados favoráveis, confiando apenas no poder de suas orações e palavras (Ibidem, p.12).

O fato de o pedido não ser atendido, traz a vida dessas pessoas decepções, e essas decepções geram falta de fé. Pois se é possível fazer com que “pessoas pensem que têm condições de controlar o mundo espiritual como se Deus não fosse soberano e pessoal em suas decisões (PIERRAT, 1993, p.169), induzindo-as, assim ao erro, é possível da mesma forma gerar nelas decepções.

De modo igual que o perigo permeia a crença da Confissão Positiva, a questão de dízimos e ofertas apresenta distorções que levam fiéis a crerem que precisam entregar tudo o que possuem para essas instituições, como se observa no relato de uma professora primária de Coimbra:

Dei todo o dinheiro que tinha e quando já não havia dinheiro, o meu pastor trouxe um recado do pastor Tadeu: disse-me para dar o ouro e as joias. Eu dei. Fiquei sem nada, à espera de uma bênção financeira que nunca



chegou. Só hoje vejo como estava cega, completamente cega. (ROMEIRO, 1999, p.49)

É importante que se frise que “os pregadores neopentecostais manifestam com muita tranquilidade seu interesse por dinheiro” (ROMEIRO, 1999, p. 166), porém ao crente cabe discernir o que lhe provém contribuir. É certo que boa parte dos cultos realizados nessas denominações é usado para “convencer os fiéis da obrigação de pagar o dízimo e dar ofertas ‘com amor e alegria’” (Ibidem, p.166), vincula-se a esses pedidos “a saúde, prosperidade, felicidade, libertação do Diabo e dos problemas àqueles que corajosamente doarem a maior quantia possível” (Ibidem, P.166). Porém há de se questionar “como fica o fato de tantos fiéis dizimistas continuarem recebendo salário mínimo, morando em favelas e cortiços?” (Ibidem, p. 162).

Santos (2002, p.4) afirma que “é válido destacar que os líderes espirituais das instituições seguidoras da Teologia da Prosperidade são treinados para identificar novas oportunidades de ‘negócio’”, colocando de lado a própria fé dos que creem. Dessa forma, cabe ao cristão o discernimento, pois como afirma Romeiro (1999, p.194) “o discernimento na vida do crente não é uma opção, mas um mandamento bíblico”. Uma questão que deve ser levada em consideração, quando dos pedidos de doação é verificar “se os métodos de levantamento de fundos do ministério são bíblicos” (Ibidem, p.203), pois é na escritura que todas as dúvidas são dissipadas.

Romeiro (1999, p.204), ainda, deixa muito claro que não se deve apoiar “uma igreja ou ministério centralizado no dinheiro. Para que o homem não caia em erro, e não se deixe enganar por manipuladores da fé, é fundamental o desenvolvimento do “discernimento enquanto cresce na fé, no amor e na santidade” (Ibidem, 1999, p.205). Pois quanto mais o cristão compreender a Palavra mais fácil fará distinção da verdade e do erro (Ibidem, 1999, p.205). Somente uma fé firme e profunda é capaz de romper com o erro, e colocar ponto final nos exageros apresentados pela cultura do protestantismo neopentecostal.

Por fim é possível afirmar que os riscos que norteiam a prática de Teologia da Prosperidade são muitos. Há riscos pessoais, riscos ministeriais e até mesmo riscos teológicos. Porém é preciso que igrejas sérias, comprometidas com a Palavra tomem posicionamento, no que se refere aos riscos teológicos e ministeriais. Ao crente cabe a busca pelo



conhecimento, pois é o conhecimento da Palavra e das verdades contidas nelas que dissipa as trevas, trazendo a luz à verdade. Ao fiel leigo é preciso o esclarecimento, a busca por informações, para que este possa estar munido de conhecimento referente a religião e a religiosidade, e assim questionar-se em meio a doutrinas que lhe pareçam controversas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teologia da Prosperidade é um movimento que vem ganhando muitos adeptos no meio cristão. Não são poucas as denominações religiosas que hoje apregoam suas doutrinas e divulgam suas crenças, mesmo que de modo sutil. Pensar hoje em Igreja Evangélica é pensar em ser feliz, em prosperar, em seguir a Cristo e estar livre de qualquer problema. Bem, não parecem ser essas as promessas contidas nas Sagradas escrituras, com também não parece ser esse o exemplo lido

Finalizada a pesquisa e consideradas as questões analisadas nesta, fica evidente que a Teologia da Prosperidade traz consigo grandes riscos. O principal risco suscitado é quanto à interpretação equivocada de textos bíblicos. Onde há a manipulação da Palavra, de forma que essa possa ir ao encontro de questões doutrinárias e teológicas presentes no movimento. Assim, não há exegese nem hermenêutica correta para os textos efetivada por parte das lideranças neopentecostais. Ademais há um risco eminente aos evangélicos, sejam esses tradicionais ou pentecostais, pois acabam tendo suas identidades cristãs confundidas com os “evangélicos”, se é que assim podem ser chamados, participantes e divulgadores da Teologia da Prosperidade.

A pesquisa pontuou os riscos que as igrejas tradicionais e pentecostais correm com a entrada em seus ministérios de adeptos e divulgadores da Teologia da Prosperidade. Dessa forma começam a surgir heresias, e a Palavra começa a ser manipulada para que da mesma forma que nas igrejas neopentecostais, diga o que ela não diz. Essa prática traz para dentro das igrejas cristãs uma crise doutrinária de grande relevância. Por fim, ainda há um grande risco proporcionado ao ser humano, leigo, que por falta de conhecimento da Palavra faz imersão de corpo e alma nesse movimento.

As decepções são grandes, pois nem sempre o que é prometido se cumpre. Homens mulheres doam todos os seus bens, em nome de um “deus” que está sujeito à manipulação humana, um “deus” cumpridor de



bênçãos e realizador de prosperidade financeira, mediante a sentença de alguns líderes. Porém o que se esquece é que na verdade esse “deus”, é bem diferente do Deus presente nas Sagradas Escrituras. Este sim, distribui bênçãos, cura, porém deixa claro aos seus que o melhor não está aqui nessa vida, mas no que ainda está por vir na Glória Eterna.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA, Português. **Bíblia de estudos palavra chave hebraico e grego**. Tradução Almeida Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

BOYER, Orlando S. **Heróis da Fé: Vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. São Paulo: Vozes, 1997. 504p.

GODIM, Ricardo. **O evangelho da nova era: uma análise e refutação bíblica da chamada Teologia da Prosperidade**: São Paulo. Abba.1993. 65 p.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999. 248 p.

_____. **Expansão Pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. in: Estudos Avançados, 2004, vol.18, nº 52, p127.

_____. **Os Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade**. In Novos Estudos CEBRAP, março 1996, n.º44, p. 24-44.

MENDONÇA, Antonio Gouveia. **O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas**. Revista USP, São Paulo, n.67, p. 48-67, Setembro/Novembro 2005

OLIVEIRA, Estevam Fernandes. **Conversão ou adesão: Uma reflexão sobre o neopentecostalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Proclama Editora, 2004. 216 p.

OLIVEIRA, Marcelo Rodrigues. **Retribuição e prosperidade: Gênese, percurso histórico e confronto com a Teologia da Graça**. Dissertação Mestrado, Belo Horizonte: FAJE, 2006.



ORO, Ivo Pedro. **O fenômeno religioso: como entender**. São Paulo: Paulinas, 2013. 192 p.

PIERRAT, Alan B. **O evangelho da prosperidade**. Tradução de: Robinson Malkones. São Paulo: Vida Nova, 1993.

PIRES, Anderson Clayton. **A metafísica do sucesso, a espiritualidade do consumo e a ética hedônica configuradas no sistema axiológico neoprotestante da Igreja Evangélica Sara Nossa Terra**. 2011. Tese Doutorado, Porto Alegre: UFRGS, 2011.

RABUSKE, Irineu José, et al. **Evangélicos brasileiros: quem são, de onde vieram e no que acreditam**. Revista brasileira de História das Religiões. ANPUH. Ano IV, n. 12, Janeiro 2012.

ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. 256 p.

_____. **Evangélicos em crise: decadência doutrinária na igreja brasileira**. São Paulo: Mundo Cristão, 1999. 222 p.

_____. **Supercrentes: O evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade**. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

_____. **Igreja mundial do poder de Deus - umas novas práxis neopentecostais**. 2007. 13 p. artigo publicado em <http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/EST/Revistas_EST/III_Coingresso_Et_Cid/Comunicacao/Gt08/Paulo_Romeiro.pdf>

SANTOS, Aline Gomes dos Santos; PEREIRA, Maria Joana de Sousa. **Mercantilização da fé nos moldes contemporâneos: discutindo a Teologia da Prosperidade no Brasil**. Disponível em: <http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT21/GT21_GomesdosSantos_So usaPereira.pdf> acesso em 11 out. 2016

SILVA, Cácio. **Fenomenologia da religião: compreendendo as ideias religiosas a partir das suas manifestações**. São Paulo: Vida Nova, 2014. 224 p.

SILVA, Luiz Eduardo Andrade da. **“Nação dos 318” da IURD: um estudo sobre concepções e práticas mágico-religiosas para a prosperidade financeira**. 2008. Dissertação Mestrado, Salvador: UFB, 2008.



SILVEIRA, Marcelo. O discurso da Teologia da Prosperidade em igrejas evangélicas pentecostais: estudo da retórica e da argumentação no culto religioso. 2007. 221 p.

